

UM E UM: FAZER DO REAL ESCRITA

Cristina Holzinger*
Flávia Coutinho Campos**
Mônica Brandão e Souza***

Resumo

Tendo como ponto de partida o Real como aquilo que não cessa de não se escrever, este artigo busca, a partir das experiências de escritas no campo da psicanálise e no espaço literário, argumentar sobre a questão de como é que isso se escreve. Algumas escritas são impulsionadas pelo impossível, se aproximam do real, fazem do real escrita.

Palavras-chave: Real. Escrita. Vazio. Letra. Impossível.

Resumen

Tomando como punto de partida lo Real como lo que no cesa de no escribirse, este artículo busca, a partir de las experiencias de escrituras en el campo del psicoanálisis y en el espacio literario, argumentar sobre la cuestión de cómo es que eso se escribe. Algunos escritos son impulsados por lo imposible, se acercan a lo real, hacen de lo real escritura.

Palabras clave: Real. Escritura. Vacío. Letra. Imposible.

*O real não é o mundo. Não há
esperança alguma de alcançar o real
pela representação.*

LACAN, 1974

. . .

Se o Real é para a psicanálise aquilo que não cessa de não se escrever, como é que isso se escreve? Como o inconsciente comanda a função da letra? Essas questões nortearam nossos estudos sobre a escrita no campo da psicanálise e nossas experiências com a escrita no espaço literário.

Nós, psicanalistas, sempre precedidos em nossa matéria pelo artista, lembramos a recomendação de Freud: “indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas [...]”.¹ “O poeta é o guarda das nascentes” “e a experiência literária inclui a visão de onde brota o dizer, borbulhas que não se encaixam em qualquer trajetória. Ainda mais porque o nascimento do dizer é o silêncio do antes que toda palavra exprime sem que nenhuma o diga”.²

Desde Freud a prática da letra converge para o uso do inconsciente, mas foi com Lacan,³ em sua homenagem a Marguerite Duras, que vimos de novo a questão se apresentar e se aclarar. Diante da escrita de Duras, Lacan se diz arrebatado. Ele reconhece no trabalho da escritora, que revela saber sem ele o que ele ensina, um saber fazer uso d’alíngua com a letra, um saber fazer diante do impossível, que faz ressoar um

sentido ausente em torno dos vestígios, dos sedimentos, dos precipitados.

Alguma literatura ensina um modo de operação que, através dos desvios significantes de um texto, pode deslizar no passo de sentido, no fora sentido.

Apresentados aos escritos de Nuno Ramos e atravessados por eles, por vezes suspensos em puro desconforto e sabendo da inquietação do artista no preparo da obra, momento descrito por ele como vertiginoso, deparamos com várias modalidades de escrita. Esse hibridismo se desloca da atenção do leitor, que passa a naturalmente “sacar”, com o artista, que o “moderno, por excelência, é estar dentro de um gênero e arrombar esse gênero”⁴, ou ainda que “rico é atacar a linguagem”⁵ ou, como diria Blanchot, “escrever é retirar a palavra do curso do mundo”.⁶

Benjamin interroga: “Será que o gosto pelo mundo de imagens não se alimenta de uma sombria resistência contra o saber?”.⁷ Nas imagens há repouso, eternidade, e

cada bater de asas de pássaro que o roça, cada rajada de vento que o faz estremecer, cada proximidade que o toca, lhe pune as mentiras. Porém, cada distância reconstrói seu sonho [...]. Assim, pôr termo à natureza na moldura de imagens esvanecidas é o prazer do sonhador. Conjurá-la sob uma nova chamada, o dom do poeta.⁸

Alguns escritores, com seu modo peculiar de lidar com o saber, não põem termo à natureza em uma moldura. Suportam,

sem resistência, com sua escrita, uma passagem, uma partida, colocando-nos frente às incandescências – rajadas de vento, bater de asas. Trata-se de uma operação que percorre o caminho cego do insabido. “O poeta é aquele que não se defende da vida”.⁹

Uma nova chamada, dom do poeta, talvez subverta uma ordem, guardando o lugar do escrever impulsionado pelo impossível. São escritas que se aproximam do real, uma e uma, que fazem do real escrita, que nascem do mesmo ponto de opacidade e de silêncio. “Não é o vazio a única maneira de agarrar algo com a linguagem?”¹⁰ Isso não acontece a cada momento, não guarda a chancela de um gênero ou de um coletivo de artistas. “O singular da mão esmaga o universal.”¹¹

Para Barthes, a linguagem humana é sem exterior e, como um lugar fechado, só se pode sair dela pelo preço do impossível, tal como o ato de Abraão, descrito por Kierkegaard, vazio de toda palavra. Alguma literatura toca o vazio da palavra. A literatura é o próprio fulgor do real. Ela faz girar saberes, não fixa, não fetichiza, lhes dá um fulgor indireto, como uma pedra de Bolonha que irradia de noite o que absorveu do sol durante o dia: “a escritura faz do saber uma festa”.¹²

No primeiro capítulo d’*O seminário 19*, “...ou pior”, talvez apressadamente passamos pelos detalhes significativos do título. Lacan já adverte: não se lê “o pior”, isso é tentação de sentido. “Pior” aqui é advérbio, disjunto do verbo chamado a ocupar um lugar, lugar vazio criado pelos três pontinhos. Ratifica-se: três pontinhos não devem nunca dar lugar a reticências, pelo risco claro de, assim nomeados, deixarem

fugir, a cada vez, a cor de vazio. Não sem o lugar vazio, só assim pode-se dizer algo com a linguagem.

Já sorvemos algo aqui do não-todo, do que escapa à lógica de Aristóteles, supondo o lugar vazio. Em um discurso, o real se esgueira, subtrai-se com perícia e sorrateiro. Lacan insiste na ênfase do subjuntivo – que apareça afinal a relação do inconsciente com a verdade! E isso não devemos, por força de ofício, deixar escapar. Rigorosamente, “é o real que se afirma nos impasses da lógica, esse impossível, esse real, deve ser privilegiado por nós. Nós quem? Os analistas”.¹³

O real é o impossível e se afirma nos impasses da lógica. O impossível não transgride e prima por sua refratariedade ao sentido. É esse impossível que seria preciso demonstrar: a escrita da relação sexual é a não-relação sexual.

Fulgor do real

As perguntas persistem e ratificam essas trilhas de estudo: “Resta saber como o inconsciente que digo ser efeito de linguagem, por ele pressupor a estrutura desta como necessária e suficiente, comanda essa função da letra”¹⁴ e ainda “Será possível, do litoral, constituir um discurso tal que se caracterize por não ser emitido pelo semblante?”¹⁵

Por entre as nuvens, Lacan¹⁶ avista o escoamento das águas e vê nesse escoamento o remate do traço primário e aquilo que o apaga, dizendo revelar-se a ele o que acontece com o significante, ao se romper o semblante. A premissa sustentada por Lacan do inconsciente estruturado como uma linguagem implica que nem tudo que é inconsciente pode

se escrever em uma representação. Esses pontos buracos só podem ser tocados por uma prática da letra, ou seja, se entre saber e gozo há um litoral que pode se fazer literal – litora pura –, isso se faz com o que chove da ruptura do semblante e que era matéria em suspensão. Instante em que “o astro vermelho tomba diante de nós”.¹⁷

A linguagem que encarna com força de matéria, não é no semblante que ela se sustenta, visto que algo se desfaz na função simbólica que a letra conduz, e uma outra função opera. Assim, um efeito de escrita toca a cada um, distintamente. Rompe-se um semblante, algo do gozo é evocado e, de acordo com Lacan, “é isso que no real se apresenta como ravinamento das águas”.¹⁸

O ser falante experimenta no corpo o estorvo do gozo, e a trama de seus manejos com esse gozo, suas urdiduras, são de ordem absolutamente singular. Serão respostas singulares ao impossível. Por vezes as respostas são como fogo. Marina Tsvetáieva escreve:

Só receio uma coisa neste mundo – os momentos em que a vida se congela dentro de mim. É a contrapartida – de cada festa. Sinto-me inerte diante da vida. Além desses silêncios momentâneos, nada me assusta, pois sinto dentro de mim um entusiasmo infinito por cada nuvenzinha, cada melodia, cada curva do caminho.¹⁹

Em algumas leituras, somos arrancados de um conforto e desalojados, despojados de um lugar. Nuno Ramos afirma

que, em alguns textos, “alguma coisa se descola daquilo que está sendo narrado; [...] um patrimônio excessivo ali, só seu, que dá vontade de reler, de ler em voz alta, de usufruir de outra forma”.²⁰ Diz ainda que “melhor seria se o visitante da exposição tivesse medo da obra”. “Vocês vão sentir algo interiormente que os atrairá, que os arrebatará. Para onde somos atraídos?”.²¹

Freud, em “Moisés de Michelangelo”, escreve :

... o que nos prende tão poderosamente só pode ser a intenção do artista, até onde ele conseguiu expressá-la em sua obra e fazer-nos compreendê-la. Entendo que isso não pode ser simplesmente uma questão de compreensão intelectual; o que ele visa é despertar em nós a mesma atitude emocional, a mesma constelação mental que nele produziu o ímpeto de criar.²²

Agambem,²³ percorrendo o traçado do limite da linguagem, nos diz que onde acaba a linguagem começa não o indizível, mas a matéria da palavra. No sentido em que se fala: “matéria da Bretanha” ou “entrar na matéria” ou ainda “índices de matérias”. Para ele, essa substância lenhosa que os antigos chamavam silva (floresta) pode ser alcançado por alguns que não estão prisioneiros das representações.

Os escritos de Nuno Ramos têm na matéria o seu fio condutor. Seu trânsito entre a literatura e as artes plásticas parece ir na direção de reduzir a palavra a seu ponto de

materialidade. Ele diz em uma entrevista:

os elementos retóricos em artes plásticas estão sempre filtrados pela materialidade, pelo peso, por Newton. Aquilo, se cair, mata. Enfim, você tem que lidar com questões muito literais. E acho que é isso que me atraiu muito nas artes plásticas. E acho que retomei a experiência de escrever a partir dessa experiência.²⁴

Em “Um comunicado sobre as palavras”, Ramos escreve: “Palavras são feitas de matéria escura. [...] Isoladas, presas na matéria, não podem mais trombar indefinidamente umas com as outras nem reproduzir-se. Parecem perder o sentido conforme ganham corpo, e então não há perigo de que nos enganem”.²⁵

“Quanto mais impura e opaca a superfície, mais identidade ela própria ganha [...]. A identidade de um objeto depende antes de mais nada de sua opacidade.”²⁶

Nuno Ramos refere-se a dois veios no que escreve: aquele que é uma necessidade de fazer a linguagem contar coisas e aquele que “tem uma energia de pensamento e a forma é como um poema. O lastro é uma procura de conexão com a matéria, pelo tema ou até pelo som, alguma coisa que redunde de volta no mundo físico”.²⁷ Letra. São duas vozes, dois veios e uma escritura que se aproxima do impossível, impulsionada por ele. A escritura não dispensa um lugar de parada, cessa de escrever-se, um lugar de detenção e que estabelece a possibilidade de uma passagem do possível para o contingente, cessa de não se escrever.

Para Blanchot, o escritor apenas aparenta ser senhor de seu lápis, pois a palavra, que é a aparência e a sombra da palavra, mantém-se inapreensível, momento da fascinação. O domínio verdadeiramente é da outra mão e não da mão doente que não solta o lápis. O domínio é da mão que não escreve, “capaz de intervir no momento adequado. De apoderar-se do lápis e de o afastar. Portanto, o domínio consiste no poder de parar de escrever, de interromper o que se escreve, exprimindo os seus direitos e sua acuidade decisiva no instante”.²⁸ Poder parar de escrever é contingente, é, finalmente, o “cessa de não se escrever”, e, assim, escreve-se... ou não.

NOTAS

* Psicanalista. Membro do Aleph – Escola de Psicanálise, Belo Horizonte (MG). cristina.holzinger@gmail.com.

** Psicanalista. Membro do Aleph – Escola de Psicanálise, Belo Horizonte (MG). Mestre em Psicologia pela UFMG (2010). flaviacoutic@gmail.com.

*** Psicanalista. Membro do Aleph – Escola de Psicanálise, Belo Horizonte (MG). brandaoesouza.monica@gmail.com.

¹ FREUD, (1926 [1925]) 1969, p. 165.

² LEOPOLDO E SILVA, 2015, p.18.

³ LACAN, 2003, p.198-205.

⁴ RAMOS, 2016, p. 4.

⁵ RAMOS, 2012.

⁶ BLANCHOT, 2011, p. 16.

⁷ BENJAMIN, 2012, p. 273.

⁸ BENJAMIN, 2012, p. 273.

⁹ DURAS apud VIDAL, 2016, p. 188.

¹⁰ LACAN, (1971-1972) 2012, p. 12.

¹¹ LACAN, 2003, p. 20.

¹² BARTHES, 1976, p. 21.

¹³ LACAN, (1971-1972) 2012, p. 40.

¹⁴ LACAN, 2003, p. 18.

¹⁵ LACAN, 2003, p. 23.

¹⁶ LACAN, 2003, p. 22.

¹⁷ RAMOS, 2001, p. 16.

¹⁸ LACAN, 2003, p. 22.

¹⁹ TSVETÁIEVA, 2008, p. 97.

²⁰ RAMOS, 2011, p. 5.

²¹ NANCY, 2012, p. 10.

²² FREUD, (1914) 1974, p. 254.

²³ AGAMBEN, 2012, p. 27.

²⁴ RAMOS, 2011, p. 5.

²⁵ RAMOS, 2001, p. 15, 18.

²⁶ RAMOS, 1993, p. 49.

²⁷ RAMOS, 2016, p. 4.

²⁸ BLANCHOT, 2011, p. 16.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *Ideia da prosa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BARTHES, R. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2001.

BENJAMIN, W. *Imagens do pensamento*. In: *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 147-282.

BLANCHOT, M. *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011

FREUD, S. Conferência XXXIII: *Feminilidade*. In: *Obras completas*, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 139-166.

FREUD, S. *O Moisés de Michelangelo*. In: *Obras completas*, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 149-280.

LACAN, J. *A Terceira*. Documentos para uma Escola VI – *A Terceira: uma Escola para a psicanálise*. Tradução de Analucia Teixeira Ribeiro. Revista de circulação interna da Escola Letra Freudiana. Ano XXXV, nº000000. Rio de Janeiro: Letra Freudiana, 2016. p. 177-205.

LACAN, J. *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 198-205.

LACAN, J. *Lituraterra*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 15-28.

LACAN, J. *O seminário, livro 19: ... ou pior (1971-1972)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

LEOPOLDO E SILVA, F. *Prefácio*. In: Pessanha, J. *Testemunho Transiente*. São Paulo: Cosac Naify, 2015. p. 9-22.

NANCY, J-L. *Beleza: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

NUNO RAMOS. *Roda viva*. São Paulo: Tv cultura, 01 out. 2012. Programa de Tv.

RAMOS, N. *Cujo*. São Paulo: Editora 34, 1993.

RAMOS, N. *Nuno Ramos: Entre a matéria e a linguagem: A arte híbrida e o pensamento sem fronteiras de Nuno Ramos*. Revista Cult. São Paulo: Editora Bregantini, 2016. p. 1-7. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-com-nuno-ramos/>>. Acesso em: 17 de out. 2017.

RAMOS, N. *O pão do corvo*. São Paulo, Editora 34, 2001.

RAMOS, N. *Rascunho, Paiol Literário*. Rascunhos. Curitiba, 2011, p. 1-12. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/nuno-ramos/>>. Acesso em: 17 de out. 2017.

TSVETÁIEVA, M. *Vivendo Sob o Fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VIDAL, P. *O que resta. letra irredutível*, M.D. Revista da Escola da Letra Feudiana. Rio de Janeiro: 7letras, 2016, p. 185-190.